Folha nº 02 do proc.
nº 926 do 1997

JUSTIFICATIVA

O século XVI foi marcado pela expansão comercial e marítima européia. Esse dinamismo já havia começado nos fins da Idade Média, mas foi então que tomou impulso jamais visto. Os europeus se lançaram à descoberta e à conquista de novos continentes e se procurarmos explicar os descobrimentos marítimos dos séculos XV e XVI, veremos que o fator que mais os estimulou foi, sem dúvida, o econômico.

Os descobrimentos se sucederam fazendo assim a primeira ligação direta por mar entre a Europa Ocidental e os países marítimos do Oriente, cujos precursores foram os portugueses , que em 1517 alcançaram a costa da China e em 1520 foram recebidos em Pequim o que lhes permitiu comerciar com Cantão, com o que se conseguiu o monopólio dos produtos orientais.

Em 1557,os portugueses assenhorearam Ngao-men ou Ngao-man cidade do litoral da China, à margem direita do estuário do rio Sikiang, a oeste de Hon-kong, que compreende uma península rochosa, ligada à ilha de Herung-San por um cordão arenoso, e fundaram o núcleo urbano da cidade de SANTO NOME DE DEUS DE MACAU, que se tornou um centro comercial e de expansão do cristianismo.

De meados do século XVIII até adentro do século XIX, foi com Cantão, o único pôrto chinês aberto ao tráfico europeu. Assim tornou-se foco de disputa acirrada entre os europeus na tentativa de obter seu domínio, principalmente dos holandeses que com avidez cobiçavam a colônia portuguesa pois a falta de uma base comercial na China impedia o desenvolvimento do comércio no Japão.

Folha n.o 03 do proc. n.o 926 de 1997

Segundo os arquivos, a frota que chegou ao largo de Macau no dia 22 de junho de 1622, contava dezessete embarcações. Macau estava então quase indefesa.

A maior parte dos portugueses estava no estrangeiro, nas viagens habituais naquela altura do ano, em terra capazes de levar armas, estavam apenas oitenta europeus pois quatrocentos mosqueteiros ainda não regressara da China.

Entre as forças holandesas três companhias de bons soldados, treinados na Flandres, homens que, em reconhecimento dos seus serviços foram escolhidos para a conquista de Macau como um empreendimento de grande lucro e pouco risco.

Seguiu-se uma violenta batalha e ao raiar o dia memorável de 24 de junho, a frota apertou o cerco à cidade , com fogo intenso , a flotilha armada com peças de artilharia, móveis e canhões ligeiros, transportou oitocentos invasores para a praia, antes porém, os holandeses tomaram todas as precauções para cobrir a retirada em caso de revés, duas companhias de cem homens foram estacionados no local de desembarque e os restantes, avançavam atirando com destreza enquanto marchavam em direção à cidade.

Era enorme a desvantagem , o povo , em um estandarte, sem qualquer auxilio militar, correu em grande confusão para a área de combate. Felizmente o inimigo ignorava quão impreparada estava a colônias, quão lamentáveis eram as condições.

Graças à precisão do padre Rho, o famoso astrônomo de Pequim, nessa altura os jesuitas da China eram muito versados na arte da guerra, um tiro fez explodir um vagão carregado de pólvora.

Folha nº 04 do proc
nº 926 de 19 87

Esse tiro desconcertou imenso os invasores, e segundo narrativa histórica dos holandeses, à falta de pólvora atribui a derrota que se seguiu.

Da sobranceira cidadela outros canhões disparavam também contra os invasores , diz-se que eles suspeitaram de uma emboscada.

Os habitantes macaenses lutaram bravamente , e desprevenida como estava, para Macau, a vitória foi , sem dúvida, um milagre.

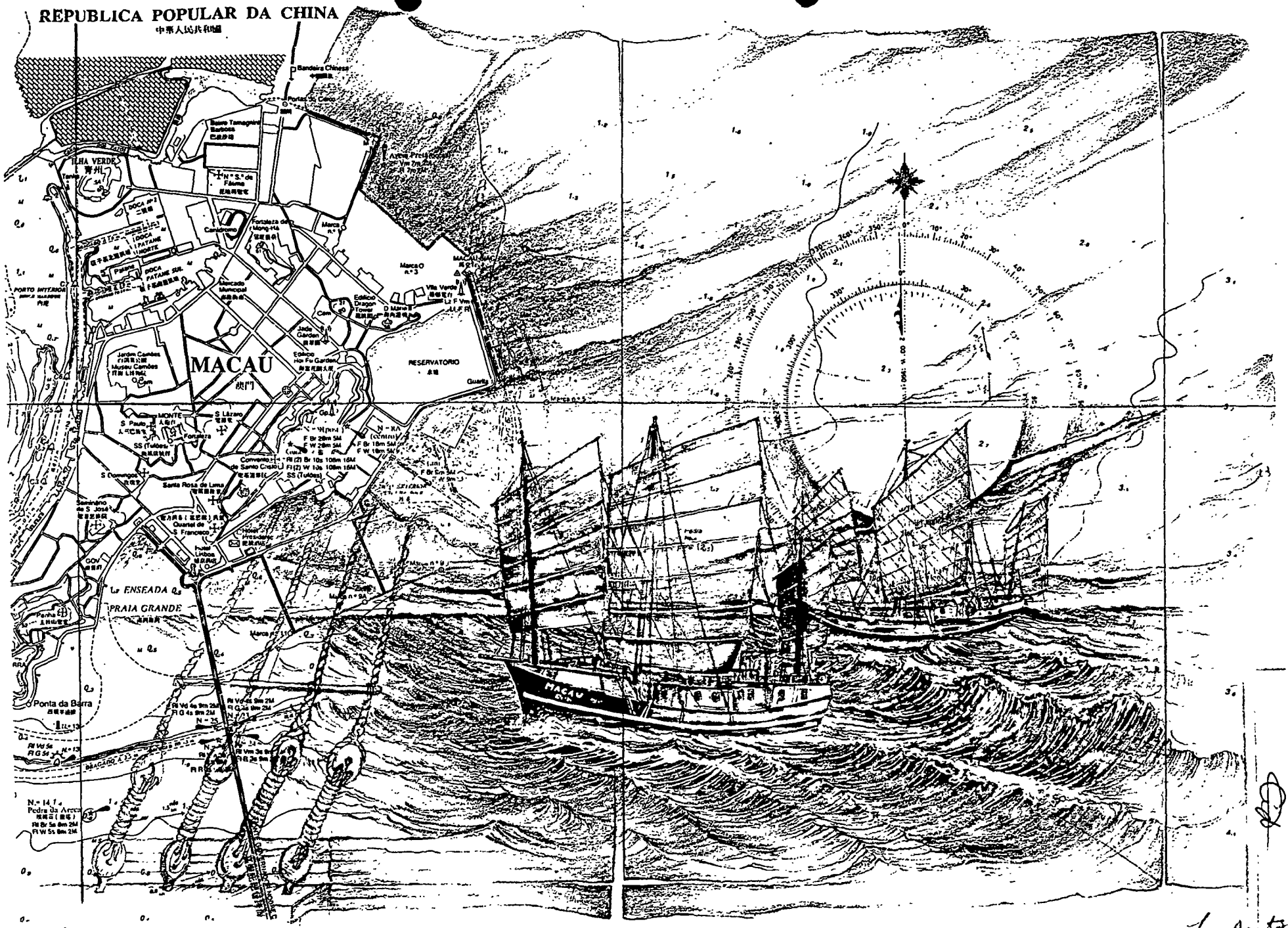
No próprio cenário da batalha os vencedores alforriavam os seus escravos negros em reconhecimento da sua lealdade e bravura.Depois foram todos à Catedral para uma solene ação de graças pela vitória alcançada pela graça de Deus, tendo o Senado e os moradores feito votos de comemorar do mesmo modo , daí em diante , à vespera do dia de São João, um voto escrupulosamente cumprido até o tempo presente.

A salvação foi unanimemente atribuída a São João Batista.

A China só reconheceu o domínio de Portugal em 1887. Depois disso, juntamente com Hong Kong, foi, durante longos anos, importante mercado para as transações comerciais com o Ocidente.

Em Macau está o túmulo de São Francisco Xavier e ali viveu Luis de Camões em 1558 e 1559, onde parte de "Os Lusíadas" foi escrita. Modalidade de porcelana dita das Índias Orientais foi a porcelana de Macau, cuja produção mais florescente se fez pelos séculos XVIII e XIX.

Muitos macaenses vivem e trabalham atualmente em São Paulo, razão pela qual julgamos oportuna a presente propositura objetivando render justa homenagem a esta comunidade .



Folha n.º 05 926

Transporte

Folha n.º 06 da proc
n.º 926 de 19 97
PALÁCIO DO GOVERNO
總督府
Avenida da Praia Grande
南灣大馬路
MACAU
澳門

GABINETE DO GOVERNADOR DE MACAU
澳門總督辦公室
MACAU GOVERNOR'S OFFICE

TELECÓPIA
電話傳真
FACSIMILE TRANSMISSION

Para: Exmo Senhor Gilberto Quevedo da Silva 收件人: To:	Fax: 55-11- 號碼: +5511 533 6002
De: Maj Tiago Vasconcelos 發件人: From:	Data: 日期: Date: 3 Set 97
Assunto: Apontamento sobre o 24 de Junho 事由: Subject:	Total de páginas: 1+6 頁數: Total pages:

Mensagem:
傳信:
Message:

Exmo Senhor Caro Amigo,

Não tendo conseguido obter no Leal Senado a informação pretendida, junto o extracto de um livro, que provavelmente até é do conhecimento de V. Ex.ª, que suponho conter informação abundante sobre o acontecimento, seus antecedentes e consequências, que deu origem ao Dia de Macau. Naturalmente que estou disponível para quaisquer esclarecimentos necessários.

Com os melhores cumprimentos e a renovada consideração e estima do

Tiago Vasconcelos

Tiago Vasconcelos

Se não receber todas as páginas, informe-nos imediatamente por esta via
如收不到全部頁數，請即用電話/ 用戶電報與我們聯絡。
If you do not receive all the pages, please phone or telex immediately

Tel.: 565555
Telex: 88201 GOVMA OM
Fax: 563377

Folha nº 07 proc. nº 926 dia 19 92

Governo na sua obra «Subsídios Para ... Governadores De Macau» op. cit.).

1622 – **(29-IV)** – Foi celebrada pelo prior do Convento de St.º Agostinho, Fr. Estêvão de Vera Cruz, a primeira missa na ermida de Nossa Senhora da Penha de França, edificada pelos frades de St.º Agostinho com ajuda das esmolas dos navegantes e moradores da cidade, em cumprimento da promessa de terem sido salvos, quando o seu barco *S. Bartolomeu*, capitaneado por Jorge da Silva, fora atacado, em 28 de Julho de 1620, por uma nau holandesa, na ocasião em que fazia a viagem do Japão. No mesmo dia foi lavrado o auto de posse da ermida pelos agostinhos.

1622 – **(24-VI)** – Retumbante vitória definitiva alcançada por Macau sobre os holandeses comandados por Kornelis Reyerszoon que, com 14 navios e 800 homens, pretendeu tomar a cidade. O inimigo foi completamente desbaratado ante o indómito esforço dos macaenses, capitaneados pelo denodado herói Lopo Sarmento de Carvalho. Colaboração do Pe. Rho S.J. (de passagem em Macau) a partir da Fortaleza do Monte, e protecção do Santo do Dia, S. João Baptista. Hoje Dia da Cidade.

1622 – **(30-VII)** – Tomou posse do Governo de Macau o Conselho Governativo, constituído por Fr. António do Rosário (presidente) e pelos moradores Pedro Fernandes de Carvalho e Agostinho Gomes, sendo nomeado por alvará do Estado da Índia de 22 de Abril do mesmo ano, para o exercício da capitania de guerra sem dependência do Capitão da Viagem do Japão (cfr. 1622 (22-IV)).

1622 – O monopólio com as «fábricas» de Cantão é suspenso e Macau passa a ser centro de apoio e de passagem de estrangeiros em demanda da feira anual de Cantão.

1622 – As intrigas holandesas (cartas forjando a nossa intenção de invadir o Japão) além de produzirem o corte comercial que tanto prejuízo trouxe a Macau, levaram o Japão a perseguir-nos ainda mais, religiosamente. Até havia prémios para quem denunciasse padres e simples cristãos. Os portugueses foram expulsos do Japão e aqueles que, em situação de captura, confessaram o seu credo (nenhum apostatou) foram torturados e chacinados. (cfr. 1625).

1623 – **(6-V)** – Carta e regimento do Vice-Rei da Índia, passados em nome do Rei, nomeando D. Francisco Mascarenhas, Fidalgo da Casa Real, como Capitão-Geral e primeiro Governador da Cidade de Macau, funções que assumiu em 17 de Julho do mesmo ano. Este Governador cercou a cidade com uma muralha e aperfeiçoou o sistema de fortificação, em geral.

1623 – **(17-VII)** – Posse do primeiro Governador, D. Francisco de Mascarenhas, também Capitão-Geral. Os moradores pediram um

Folha n.º 08 de proc.
n.º 926 de 19 97

In "MACAU HISTÓRICO", MONTALTO DE JESUS

VI

Invasão e expulsão dos holandeses.
Feito naval de Macau.
O primeiro capitão-geral.
Revolta contra medidas arbitrárias.
Conclusão das fortificações.
A bandeira portuguesa durante o domínio espanhol.

Uma trégua de doze anos entre a Espanha e os Países Baixos adiou um projectado ataque holandês a Macau. A avidez com que os holandeses cobiçavam a colónia e o quanto a falta de uma base comercial na China impedia o desenvolvimento do comércio no Japão explicam o facto de que em 1609 dois barcos holandeses, cordialmente recebidos em Firando, tenham desapontado os japoneses que estavam à espera de seda crua da China. Os holandeses, embora excluídos do comércio da China, solicitaram aos japoneses que lhes concedessem o monopólio do fornecimento dessa desejada mercadoria. No ano seguinte, contudo, não conseguiram de novo trazê-la como tinham prometido. Isto levou os japoneses a suspeitar, como os chineses, que as cargas dos holandeses dependiam da pilhagem[76]. Para proteger dos holandeses o comércio português na China, o vice-rei da Índia teve de mandar, em 1613, três galeões para cooperarem com as quatro embarcações já enviadas. Um dos galeões foi afundado por um tufão, perto de Sanchuan, e morreram duzentos dos seus tripulantes[77].

Tendo acabado a trégua, um esquadrão de duas embarcações holandesas e outras duas inglesas, aliadas, apareceu em Macau, a 29 de Maio de 1622. Em consequência de algum mal-entendido os ingleses partiram para o Japão. Os holandeses tentaram tomar a colónia de surpresa. Quando abriram fogo, o povo, chamado às armas por Lopo Sarmento de Carvalho, guardava os pontos fracos, e como a praia de Cacilhas permitisse um fácil desembarque, levantou lá um banco de areia. Como prevenção contra eventuais surpresas nocturnas, onze pequenas embarcações patrulhavam o porto. Na manhã seguinte os holandeses fizeram-se ao largo a fim de interceptar os barcos vindos da Índia, enquanto uma bem armada flotilha era enviada para os escoltar e trazer a salvo[78]. Entretanto, uma poderosa expedição holandesa estava a caminho para capturar ou Macau ou Pescadores. De Batávia, o governador-geral Koen enviou oito embarcações, sob o comando de Kornelis Reyersz van Derzton, e ordens a Willem Jansz, que sitiava Manila, para destacar alguns dos seus barcos para a expedição — que foi reforçada com um barco, com destino a Batávia, e dois patachos portugueses capturados ao largo de Malaca. Durante a viagem a tripulação de cada barco era diariamente treinada. A frota, que chegou ao largo de Macau no dia 22 de Junho de 1622, contava dezassete embarcações — incluindo dois barcos ingleses[79]. Segundo os arquivos de Macau quando a frota principal chegou já lá se encontravam dois barcos holandeses e dois barcos ingleses, galeotas e patachos num total de treze naus; mas os ingleses mantiveram-se afastados, visto que os holandeses, certos do sucesso, se recusavam a partilhar os despojos, que teriam excedido

Folha n.º 09 de proc. n.º 926 de 1997

as expectativas. Macau estava então quase indefesa. A maior parte dos portugueses estava no estrangeiro, nas viagens habituais naquela altura do ano; em terra, capazes de levar armas, estavam apenas oitenta europeus. Evidentemente, o contingente de quatrocentos mosqueteiros ainda não regressara da China. Havia, por outro lado, entre as forças holandesas, três companhias de bons soldados, treinados na Flandres — homens que, em reconhecimento dos seus serviços, foram escolhidos para a conquista de Macau como um empreendimento de grande lucro e pouco risco.

À chegada da frota, dois barcos aproximaram-se da costa até ao alcance de um tiro de mosquete para inspeccionar o local ou, como foi alegado, para desafiar o Forte de S. Francisco, para o qual, já na tarde de 23 de Junho de 1622, dois barcos se dirigiram e abriram fogo. Seguiu-se uma violenta batalha que durou entre as duas e as seis horas. Um dos barcos ficou de tal modo danificado que teve de ser abandonado e, supõe-se, foi a pique. Ao raiar o dia memorável de 24, a frota apertou o cerco à cidade, com fogo intenso, enquanto dois patachos abriam caminho na praia de Cacilhas *com as nossas próprias balas* — aparentemente os patachos capturados perto de Malaca foram reconhecidos. A flotilha, armada com peças de artilharia móveis e canhões ligeiros, transportou oitocentos invasores para a praia. Foi queimado um barril de pólvora húmida e, a coberto do fumo negro soprado para terra, o desembarque foi efectuado com grande ímpeto e por entre furiosas descargas. António Rodriguez Cavalinho, estando na altura na sua casa de campo ali perto, correu a impedir o desembarque, embora apenas com cinco portugueses e seus escravos negros. Perante a enorme desvantagem da sua parte, retrocederam e puseram-se de emboscada nos penhascos da Guia, por cima da planura por onde os invasores teriam de passar para chegarem à cidade. Do mesmo modo, sessenta europeus e noventa macaenses, achando insustentável a faixa de areia de Cacilhas, retrocederam para a cidade, virando-se para disparar à medida que se retiravam. Os sinos tocavam a rebate. Por entre grande consternação as senhoras refugiaram-se em S. Paulo e os tesouros foram guardados no Seminário, visto o local ser protegido pela Artilharia do Monte — fortaleza para onde foram os jesuítas, alojando no seu Seminário as madres de Santa Clara[80]. O povo, em um estandarte, sem qualquer auxílio militar, correu em grande confusão para a área de combate. Felizmente, o inimigo ignorava quão impreparada estava a colónia, quão lamentáveis eram as condições. Antes de avançar sobre a cidade os holandeses tomaram todas as precauções para cobrir a retirada em caso de revés. Os patachos foram trazidos o mais perto possível da praia. Duas companhias de cem homens foram estacionadas no local do desembarque. Os restantes, conduzidos por Reyersz van Derzton e entusiasmados pela retirada dos portugueses, avançavam atirando com admirável destreza enquanto marchavam em direcção à planura no sopé da Guia. Estavam já à altura da fonte quando da cidadela do Monte um canhão pesado começou a bombardeá-los — uma grande bombarda apressadamente colocada naquela direcção. Graças à precisão do padre Rho, o famoso astrónomo de Pequim — nessa altura os jesuítas da China eram muito versados na arte da guerra —, um tiro fez explodir um vagão carregado de pólvora. Esse tiro desconcertou imenso os invasores. À falta de pólvora atribui a narrativa holandesa, previamente citada, a derrota que se seguiu. Acrescenta que um desertor japonês — havia um contingente japonês entre as forças holandesas — se passou para o outro lado e revelou a penosa situação em que

Folha n.º 10 da proc. n.º 926 de 1992

se encontravam os invasores; situação de que os portugueses se aproveitaram imediatamente, frustrando uma retirada estratégica para o local de desembarque. Nos escritos portugueses, contudo, não são mencionadas tal deserção nem revelação por serem, ambas, circunstanciais[81]. Por outro lado, como foi contado pelo próprio Bontekoe no acima mencionado relato holandês, predominavam as desinteligências entre os comandantes holandeses e o plano de ataque inicial, organizado com muita segurança, foi alterado à última hora. Algo mais, além da pólvora queimada na altura do desembarque, deve ter metido água. Aos invasores faltava-lhes a confiança e o ímpeto tão essenciais ao sucesso e a precaução adoptada no desembarque estava bem de acordo com a subsequente cobardia, o pânico e a fuga que Bontekoe mascarou como sendo o resultado da simples falta de pólvora. Da sobranceira cidadela outros canhões disparavam também contra os invasores, que, entretanto, desistiram dos seus intentos. Diz-se que eles suspeitaram de uma emboscada, por trás da mata de bambus que cercava a cidade naquela direcção. De qualquer modo, tanto avançar como recuar significava igualmente expor-se ao fogo eficaz do Monte, enquanto ali perto, nos montes escarpados, poderiam encontrar uma posição forte e resguardada. Torcendo à esquerda, portanto, correram para a elevação que tinha no cume a Ermida da Guia. Lá, escondidos entre as rochas, Rodrigo Ferreira com oito europeus, vinte macaenses e alguns negros detiveram o seu avanço com uma rápida fusilaria. Os holandeses, depois de breve consulta entre os comandantes, marcharam na direcção de outra elevação. Entretanto, os oficiais encarregados das baterias de São Francisco e Bomporto, ao descobrirem que o ataque estava confinado a Cacilhas, enviaram cinquenta mosqueteiros sob as ordens de João Soares Vivas para impedir o avanço do inimigo. Na Porta do Campo, perto daquela área, foram reforçados por Lopo Sarmento de Carvalho e o punhado de homens que guardavam aquela porta. Percebendo a manobra dos holandeses, correram para a frente, determinados a proteger eles mesmos a elevação. Então, animados pelos estimulantes gritos de São Tiago — o grito de guerra dos portugueses, atacaram. Ao primeiro ataque, Reyersz van Derzton, que resistiu, caiu ferido no peito e foi evidentemente retirado, pois a narrativa holandesa diz que recuperou. A força inteira, presa de pânico em consequência disto, dispersou e fugiu, deitando fora bandoleiras, armas e estandartes. Muitos portugueses também se aliviaram dos mosquetes e com as suas espadas caíram sobre os holandeses enquanto estes corriam, costa abaixo, até à praia. O povo também apareceu, não dando quartel aos invasores. Em honra de São João Baptista, diz uma narrativa, os negros despiram e decapitaram todo o herético holandês que encontraram nesse dia; e diz-se que uma negra, vestida de homem, matou dois holandeses com um forcado, segundo alguns, ou com uma alabarda, segundo a versão dos arquivos do Senado. Em Cacilhas, as duas companhias holandesas esforçavam-se por reunir os seus camaradas e resistiam com resolução. Mas, depois de um violento combate com espadas e mosquetes, cederam, também, ante o ímpeto da carga dos portugueses, mergulhando no mar com os restantes holandeses. Muitos afogaram-se ao tentar alcançar os barcos — um dos quais, superlotado, se afundou. Os outros retiraram-se com os patachos, sob fogo constante. As perdas são estimadas segundo versões diferentes. O relato holandês menciona simplesmente cento e trinta homens mortos e o mesmo número de feridos. Segundo registos portugueses os holandeses mortos em combate, ou afogados, seriam cerca de trezentos a quinhentos homens,

Folha nº 11 de proc
nº 926 de 19.97

incluindo quatro oficiais. Um oficial e vários homens, dos quais só sobreviveram sete, foram feitos prisioneiros. O troféu constou de oito bandeiras, cinco tambores, uma peça de campanha e mais de mil alabardas, espadas e mosquetes. Do lado português, cerca de trezentos homens ao todo, foram mortos quatro portugueses, dois espanhóis e vários negros e contaram-se uns vinte feridos — uma perda comparativamente insignificante, considerando que a batalha durou mais de duas horas. A frota holandesa, depois de se ter abastecido de água numa ilha ao largo, voltou no dia seguinte com uma bandeira de tréguas para resgatar os prisioneiros. Tendo visto falhar esta tentativa a frota partiu — a maior parte para os Pescadores, ficando para trás três embarcações para interceptarem barcos portugueses vindos de Malaca.

Para Macau, desprevenida como estava, a vitória foi, sem dúvida, um milagre. No próprio cenário da batalha os vencedores alforriaram os seus escravos negros em reconhecimento da sua lealdade e bravura. Depois, foram todos à Catedral para uma solene acção de graças pela vitória alcançada pela graça de Deus, tendo o Senado e os moradores feito votos de comemorar do mesmo modo, daí em diante, a véspera do dia de São João — um voto escrupulosamente cumprido até ao tempo presente. A salvação foi unanimemente atribuída a S. João Baptista. O espírito desses tempos era demasiado supersticioso e visionário para não adornar o campo de batalha com o halo místico de uma aparição celestial que ofuscou o brilhante feito de armas. *Anjos e ministros da graça, defendei-nos!* não era, nesses dias, um apelo vão entre os espanhóis e os portugueses: os santos, diz-se, desceram para os defender e foram, em reconhecimento, escolhidos para patronos da cidade que salvaram. Em Manila Santo André foi creditado com a derrota de Li Ma Hon e São Francisco de Assis com a matança de vinte mil chineses em 1602; em Macau, a derrota dos holandeses foi associada à aparição de São João Baptista, para cujo manto foram desviados os tiros dos inimigos, tendo os próprios holandeses, espantados, visto o santo. A tradição atribui esta afirmação a uma fonte holandesa mas a lenda é predominantemente portuguesa e muito semelhante à lenda nacional de Ourique. Em nenhum registo português, contudo, se alude à lenda. Nem existe qualquer menção especial àquela precisão providencial assim como previsão, pelas quais o tiro do padre Rho fez explodir a provisão de pólvora do inimigo. Não fosse este golpe mestre e o resultado poderia ter sido muito diferente. De qualquer forma, foi previsto na narrativa do Senado que muito se poderia esperar de bom daquela vitória, porquanto os chineses, ao conhecerem o valor guerreiro dos portugueses, prefeririam tê-los como amigos do que como inimigo e os tratariam com consideração. De facto, o vice-rei de Cantão, felicitando o Senado, oferecia agora tudo o que desejassem; o *hai-tao* ofereceu aos cidadãos negros várias centenas de picos de arroz e, dali em diante, nunca mais os chineses se opuseram às medidas defensivas adoptadas pela colónia.

Enquanto Macau escapava por tão pouco de se tornar uma possessão holandesa, o seu comando militar estava a ser estranhamente posto a ridículo: uma carta-patente de Goa nomeou para Macau um frade dominicano, frei António do Rosário, para se encarregar do bispado, e dois cidadãos, Pedro Fernandes de Carvalho e Agostinho Gomes, que assumiram o comando cinco semanas depois da invasão. A colónia não perdeu tempo e informou o governador de Goa da necessidade de um comandante militar devidamente qualificado e uma guarnição eficiente. Em

Folha nº 12 do proc
nº 926 de 19 97

conformidade, D. Francisco Mascarenhas foi, em nome do rei, nomeado capitão-geral de Macau, onde chegou em Julho de 1623 com uma companhia de soldados, e, de Manila, veio um coronel com duzentos mosqueteiros e várias bombardas. A carta-patente de D. Francisco Mascarenhas[82] investia-o não só com jurisdição sobre os militares — tanto pessoas como bens — mas também com poder, em casos criminais, para sentenciar qualquer delinquente à morte, excepto oficiais e nobres que, em tais casos, seriam degredados e transportados para Goa, a fim de serem julgados pelo vice-rei; e, em casos civis, para impor multas que não excedessem os cem mil réis, não sujeitas a apelo, e quinhentos cruzados, ou, na sua falta, deportação por cinco anos no caso do não-cumprimento das suas ordens e pedidos. O ouvidor, o sargento-mor, um vereador e um juiz deviam assisti-lo no exercício da sua jurisdição; e o seu estipêndio, de quatro mil xerafins por ano, era para ser deduzido dos rendimentos da colónia. Em breve se levantaram problemas, por um lado atribuídos aos cidadãos que normalmente desobedeciam às ordens dadas, em nome do rei, por D. Francisco Mascarenhas, sendo a sua atitude para com ele de tal forma provocatória que chegaram a ser disparados três tiros do Monte contra o Mosteiro agostiniano, para onde havia tido necessidade de se retirar — balas que D. Francisco Mascarenhas ordenou que fossem douradas e enviadas ao rei, uma, e ao vice-rei, em Goa, outra; guardando a terceira para ele próprio[83]. Está registado, por outro lado, que por repetidas extorsões e por cortejar as mulheres e as filhas dos cidadãos, que ficaram tão assustadas que não queriam sair nem para irem aos serviços religiosos, D. Francisco Mascarenhas provocou uma revolta, em 1623, que, segundo vários relatos, acabou com o seu assassínio. Um antigo manuscrito, contudo, afirma que se refugiou a bordo de um barco e nunca mais foi visto na Índia[84]. Vinte e quatro cidadãos de Macau foram, como cabecilhas da revolta, condenados à morte pelo vice-rei da Índia mas depois de dois anos de prisão foram libertados por ordem real. D. Francisco da Gama, vice-rei da Índia, anulou as medidas arbitrárias de Mascarenhas por um decreto que foi proclamado em Macau ao toque de pífaros e tambores. Contudo, três anos mais tarde, o governador de Goa inabilitou *os criminosos, os proscritos e os culpados* de servirem em qualquer cargo governamental em Macau. Finalmente, foi concedida em 1632, em nome do rei, uma amnistia às ofensas ligadas à revolta — tendo em consideração a lealdade dos cidadãos ao trono e a sua dádiva de mil picos de cobre ao tesouro real[85].

Foi entretanto divulgado que uma frota holandesa, destinada a outro ataque a Macau, se perdera num tufão. Em 1627, quatro barcos holandeses sitiaram Macau com vista a capturar as embarcações então prestes a zarpar para o Japão. Na ausência de qualquer navio de guerra, cinco galeotas foram equipadas por cinco cidadãos ricos — Marcos Botelho, Antonio Cortez, Antonio Rodriguez Cavalinho, João Teixeira e Tomás Vieira, o último dos quais, porque fazia as vezes de capitão-geral, recebeu o comando. A 18 de Agosto saíram para o largo, atacaram imediatamente o navio-almirante holandês e, depois de um duro combate, abordaram-no e mataram o comandante e vinte e sete dos tripulantes, fazendo trinta e três prisioneiros. O troféu incluiu vinte e quatro canhões e duas mil balas. O barco, o mais poderoso do grupo, foi então incendiado. Os outros fugiram com todas as velas desfraldadas quando o navio-almirante foi tomado[86]. Para honra de Macau, o herói do dia, Tomás Vieira, era um macaense. Um decreto de 1627 de Goa manteve-o no posto de capitão-

Folha n.º 13 do proc. n.º 926 de 1997

-geral; e numa carta datada de 1643[87], um dos seus sucessores louvou-o pela sua dedicação ao serviço do rei e por uma patrulha que, como capitão de linha, e sem paga, manteve com cento e cinquenta soldados no Forte de São Francisco, a mais exposta das fortificações da colónia.

Afinal, foi completada a fortificação de Macau, a cidadela, em 1626. A Ermida da Guia foi transformada num forte, por se situar na elevação que domina o porto, a cidade e a própria cidadela. O Monte levou quinze canhões, a Guia dez, São Francisco e Bomporto oito cada e a Barra catorze, seis dos quais eram de cinquenta libras *. Em São Francisco foi montada numa plataforma uma colubrina de quarenta e oito libras cujo raio de acção cobria a Ilha da Taipa, situada a alguma distância. A meio da Praia Grande foi construído um reduto, o de São Pedro, com cinco canhões. Ao longo da muralha que vai de São Francisco ao Monte havia dois redutos, o de São Jerónimo e o de São João, o último sobranceiro à histórica planura do sopé da Guia, chamada Campo da Vitória em comemoração da derrota holandesa. Do Bomporto estendia-se uma muralha que ultrapassava a elevação da Penha. A maior parte desta obra foi construída pelos contingentes espanhóis, assim como pelos prisioneiros holandeses — que edificaram o forte sobre a elevação que alguns deles haviam tentado tomar, a Guia.

Duas vezes derrotados em Macau, os holandeses coleccionavam vitória sobre vitória em todos os outros locais, privando assim a colónia de todo o seu comércio no Sul. Em 1637, vários cidadãos de Macau resolveram enviar à sua custa uma expedição a Malaca. O Senado aprovou o projecto em nome do rei e prometeu aos promotores as boas graças do vice-rei da Índia. Nas minutas do Senado para esse efeito é deplorada a política míope do governo da Índia, sendo evidente, após madura reflexão, que aqueles que roubavam e oprimiam Macau estavam sob a influência holandesa e inglesa. Acresce que os holandeses e os ingleses não estavam à altura daqueles que os enfrentassem resolutamente; e a experiência demonstrara que eles não estavam à altura dos homens de Macau, se estes se colocassem ombro a ombro, mesmo nas alturas em que não se podia esperar auxílio do rei. A expedição era projectada para seis patachos bem armados, para escoltar as embarcações até Malaca, levando o navio-almirante dez ou doze canhões e quarenta homens. Não há registo sobre a concretização da expedição nem, em caso afirmativo, de qual o seu resultado. Quatro anos mais tarde Malaca rendeu-se aos holandeses.

Um aspecto digno de nota na história de Macau desta época é o de a bandeira espanhola ter sido hasteada, durante a dominação castelhana, em Portugal e em todas as outras possessões portuguesas com excepção de Macau: lá apenas ondeou a bandeira portuguesa. Isto, diz-se, sucedeu porque o governo chinês não reconheceria outra, mas, *au fond*, foi, sem dúvida, devido ao tacto e patriotismo dos macaenses, que, além do mais, resistiram bravamente ao inimigo enquanto o império oriental de Portugal se desfez.

* Aproximadamente vinte e dois quilos e meio. (*N. do E.*)